

TRANSNACIONAIS FINANCEIRAS: A ATUAÇÃO DO BANCO SANTANDER NO BRASIL

VIDEIRA, Sandra Lúcia¹

Resumo:

A proposta deste trabalho é apresentar parte das discussões empreendidas em nossa tese de doutorado que, teve como foco, analisar a territorialização dos bancos estrangeiros no Brasil a partir do estudo de caso do banco Santander. Os bancos, objetos recentes de estudo na Geografia, são de suma importância enquanto agente organizador do espaço, principalmente quando pensamos no papel das finanças na economia capitalista. Procuramos entender a dinâmica do Banco Santander, pois este é o banco estrangeiro de maior presença no território nacional e na América Latina, para compreendermos porque viria ele a escolher determinadas localizações ou se remanejar, a partir de novas lógicas locacionais, definindo, assim, a dinâmica econômica em dado território e, ainda, os modos de gestão das grandes corporações multilocalizadas. Um banco que surgiu ainda no século XIX e se fez acompanhar da história da acumulação do capitalismo, principalmente se o observarmos enquanto participante de alguns processos, grosso modo, que o caracterizam: disseminação pelo mundo das filiais de multinacionais, pujança do setor financeiro em detrimento ao produtivo, reorganização corporativa e, com isso, passa de um banco com atuação regional para nacional e logo mundial.

Palavras-chaves: bancos estrangeiros; globalização; Santander

INTRODUÇÃO

O foco da análise no banco estrangeiro se justifica pelo fato de constituir a ponta de lança no processo da internacionalização da economia brasileira, apresentando grande dinamização a partir da década de 1990 com a abertura da economia e a adoção de políticas neoliberais combinadas com os processos de privatizações. O Santander é ilustrativo nesse sentido, principalmente quando a sua base de expansão no país se dá a

¹ Professora Doutora junto ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO – Guarapuava-PR – Brasil.

partir de quatro aquisições, com destaque para a aquisição do Banespa, um dos maiores bancos do país, e um dos bancos públicos mais cobiçados quando da sua privatização.

Assim, pensamos em compreender o Santander como fenômeno geográfico mas não nos limitarmos às suas dinâmicas territoriais no Brasil. O que pretendemos é mais, ou seja, entender a conjuntura, o cenário pleno de diferentes ordens que foi se constituindo e se manifestando em nível global e que permitiu sua territorialização no país. Esse panorama que veio se constituindo mundialmente nos permite “ler” a rede do Santander, principalmente porque o temos ainda no século XIX como um banco de atuação intra-Estado-nação; num segundo momento, no pós- Segunda Guerra, o temos praticando as mesmas ações dos grandes grupos econômicos, que é sua disseminação para outros países em busca da ampliação de seu capital, dando sustentação, assim, a uma série de teses que afirmam a hegemonia do sistema financeiro mundial em detrimento ao setor produtivo (isso no que se refere à acumulação). Na década de 1980 o banco começa sua inserção nos países periféricos em busca de novos mercados e de boas oportunidades, postas com a adoção de políticas neoliberais por muitos desses países, onde os processos de privatizações andavam conjugados com tais políticas, é nesse cenário que o Santander entra no Brasil e, é reconstituindo esse cenário que vamos entender como uma multinacional financeira se apropria desses e de outros mecanismos que constituem o processo de globalização para se territorializar no país, permitindo-nos ainda compreender como esta corporação produziu seu território de atuação, atribuindo papéis específicos a determinadas áreas e cidades no Brasil.

O CONTEXTO

Pensamos que esses bancos buscam uma ampliação do capital, feita basicamente na ampliação de seu mercado, mas também na diversificação de investimentos. Esgotadas as esferas intra Estado-nação e a esfera regional, a escala mundial é a alternativa para a continuidade dessa acumulação. E ela vem no momento em que a tendência é lançar-se além-fronteiras para buscar novos mercados.

O processo da globalização expressa essa atual fase da acumulação capitalista, sobressaindo o setor financeiro por meio do movimento da mundialização do capital. Acreditamos que o processo de globalização permite uma leitura espaço-temporal de

uma série de fenômenos que apresenta(ra)m implicações territoriais. Fenômenos contemporâneos, mas que têm resquícios no/do passado na medida em que entendemos os fatos enquanto o desenrolar de um processo. Os fenômenos não se dão de forma abrupta, mas vêm se desenvolvendo historicamente agregando o novo e remodelando o velho. Tais fenômenos também não se manifestam de forma homogênea no território, suas manifestações se deram em tempos diferentes. É neste sentido que entendemos o conceito de globalização trabalhado aqui, que de novo, a nosso ver, apresenta o grande volume de informações que transitam pelos mais modernos equipamentos da teleinformática, com sofisticações tecnológicas jamais vistas e que proporcionam a instantaneidade, condicionando/permitindo a localização de filiais dos grandes grupos econômicos em vários pontos do planeta configurando-se numa rede. O fluxo gerado entre essas filiais cria uma empresa em rede, como o Santander ilustra ser. Rede na medida em que vislumbramos a articulação de fluxos de capital, informações, pessoas (executivos) entre as agências e sua sede.

A questão da internacionalização da economia brasileira embora focada quase sempre nestas duas últimas décadas, remonta há muito mais tempo, obviamente inserida dentro de outras determinações políticas, econômicas e sociais, mas que grosso modo apresenta os mesmos interesses: ampliação da escala de acumulação.

Uma das estratégias para esta acumulação pode ser identificada via processos aquisitivos de fusões e incorporações. Tais processos demonstraram ser o canal de entrada do capital estrangeiro no setor financeiro em muitos países, principalmente nos países do Sul, periféricos, subdesenvolvidos ou emergentes, como alguns preferem denominar o Brasil conforme a corrente teórica que defendem. Diferentemente, nos países do Norte, desenvolvidos ou centrais estes processos ocorreram muito mais com a participação de capitais do próprio país.

O Brasil participou ativamente destes processos aquisitivos, nos mais variados setores econômicos, destacamos o setor bancário por vir ao encontro do nosso objeto de análise e por se revelar com grande notoriedade pelo desaparecimento de um grande número de bancos privados e públicos de seu sistema financeiro, seja para grandes grupos nacionais, como o Bradesco e Itaú, seja para grandes grupos internacionais.

Esta onda recente da internacionalização da economia brasileira (duas últimas décadas), entendida enquanto essa troca, parceria entre diferentes países seja no setor produtivo ou de serviços, tem revelado algumas mudanças quando comparada com

outros momentos desse fenômeno, principalmente no que tange ao destaque de outros atores que não mais os tradicionais como o capital britânico e norte-americano, entre outros, mas novas figuras começam a se destacar, como o capital espanhol, que passa de 0,6% em 1995, para 11,90%, em 2000, da participação do capital estrangeiro no país, sendo este o que apresentou a maior elevação de investimentos em território brasileiro. Quanto à participação nos processos de privatizações, a Espanha foi o segundo país mais ativo nestes processos no período de 1991/98; é a quarta nacionalidade estrangeira que mais controla instituições financeiras no país no ano 2005; é o segundo maior montante de capital estrangeiro em participação no segmento bancário brasileiro. Enfim, são vários elementos que elegem a importância dada ao capital espanhol nas últimas décadas no país, e por meio dele se configura a participação do Grupo Santander no Brasil que controla o quinto maior conglomerado financeiro no país, o Santander Banespa.

Nesse sentido, o Santander se apropria de condições criadas em nível mundial desde meados do século passado para se disseminar pelo Brasil, encontrando aqui ambiente favorável para sua expansão. Ambiente este que veio sendo construído desde a década de 1940 por meio de uma série de regulamentações do sistema bancário e financeiro brasileiro.

A FORMAÇÃO DO BANCO SANTANDER: EXPANSÃO À BASE DE FUSÕES

O Santander no mundo²

O Banco Santander iniciou sua história na cidade homônima, região da Cantábria, no norte da Espanha, em 15 de maio 1857. Ao longo dos anos veio firmando-se no mercado espanhol, mas foi depois da Guerra Civil Espanhola, ocorrida em meados da década de 1930, que se consagrou como banco de atuação nacional, superando seu papel regional. A partir daí passou a incorporar uma série de outros bancos em vários países.

² A base para construção deste item se deu fundamentalmente a partir de informações nos *sites* do grupo Santander (mundo e Brasil) e do Banco Central. No entanto, não pudemos nos eximir de fontes do noticiário econômico, tanto impresso (revistas) como virtual (internet), acreditando ser estas as únicas fontes informativas para nosso propósito de reconstituição da formação deste grupo.

Suas atividades são desenvolvidas através de participações majoritárias ou não, em diferentes países e setores do mercado financeiro: bancos, fundos de pensão, fundos de investimento, companhias de seguros, corretoras de valores e sociedades de *leasing* e *factoring*. O grupo Santander possui participação também nos setores não financeiros: petrolífero, telecomunicações, construtoras, imobiliárias, eletricidade e televisão.

Nesse sentido, o Santander fecha o ano de 2005 como o 10º maior banco do mundo, o 1º na zona do euro e o 4º maior da Europa, contando com uma rede de 10 mil agências³, atendendo 66 milhões de clientes, com um total de mais de 126 mil funcionários e 2.400.000 acionistas. O foco principal dos negócios do grupo está nos bancos comerciais, responsáveis por 82% dos lucros do mesmo, atuando em 40 países, conforme dados coletados no *site* do próprio grupo, com a seguinte localização geográfica:

Na América do Norte está presente nos Estados Unidos, Canadá e México. Na América do Sul: Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Brasil, Argentina, Uruguai e Chile. Na América Central Bahamas, Ilhas Cayman, Porto Rico, Guatemala, El Salvador, República Dominicana, Panamá. Na África se localiza em Marrocos, São Tomé e Príncipe, Angola, África do Sul e Moçambique. Na Ásia está no Irã, China, Japão e Malásia. Na Oceania, o mesmo está na Austrália. Na Europa, onde marca grande presença, encontramos o Santander no Reino Unido, Bélgica, Holanda, Alemanha, Polônia, República Tcheca, Hungria, França, Suíça, Itália, Espanha e Portugal.

Embora atue em várias partes do mundo, seja com suas agências ou com seus escritórios de representações, seu foco de expansão é a América Latina, onde apenas o Brasil e o México respondem por mais da metade dos negócios do Grupo. Aí, o Grupo conta com cerca de 20,5 milhões de clientes, e obtém mais de 1/3 dos seus lucros. São poucos os países, com exceção da Espanha em que o Santander opera com grande número de agências, e isso é explicado pelo Observatório Social (2001, p.21):

a) a saturação do mercado europeu e a dificuldade das instituições estrangeiras em aumentar a participação local; b) a estabilidade monetária

³ Conforme relatório anual do Grupo, em 31/12/2004 a sua rede compreendia 4.384 agências na Espanha, 3.998 na América Latina e 1.591 em outros países. <http://www.gruposantander.com/ficheros/fenix/pdf/Espana/ficheros_fenix_pdf_Espana_DRA_2004_es.pdf> acesso em 30/05/2006.

conquistada pela maioria dos países latino-americanos na década de 1990; e c) a política de desestatização do setor bancário nos principais países da América Latina, através de privatizações e abertura para o capital externo.

Segundo Gabriel Jaramillo⁴, executivo colombiano responsável pela presidência do grupo Santander brasileiro, a estratégia dos espanhóis em delimitar uma área de atuação na América Latina é estratégica, por isso na América do Sul sua atuação começa em Santiago, no Chile, passa pela região de Mendoza e Buenos Aires, na Argentina, cobre o Uruguai e sobe pelo Brasil até o norte de Minas Gerais. “Queremos nos concentrar onde está o dinheiro”, diz ele. Este depoimento reflete claramente o caráter seletivo que o capital faz do território. Não há homogeneização dos territórios, eles estão “preenchidos” dos elementos do meio-técnico-científico-informacional de forma heterogênea e é isto que condiciona a localização do Santander seja no Brasil ou em qualquer outro país.

Diante desta breve reconstituição histórica, torna-se evidente que a história do Santander confunde-se com a história da internacionalização da economia mundial e brasileira, portanto não é um processo acabado, mas que vem se escrevendo e imprimindo suas marcas onde quer que se insiram.

O Santander no Brasil

No Brasil, embora o Santander esteja atuando com escritório de representação desde maio 1982 por meio do Banco Santander de Investimentos, dedicando-se restritamente ao mercado de capitais com recursos dos investidores espanhóis, sua expansão se dará apenas na década seguinte. Assim, o Banco Santander no Brasil é resultado da expansão que vem consolidando desde 1997, com a aquisição do Banco Geral do Comércio, ex-grupo Camargo Corrêa; do Banco Noroeste, em agosto de 1997, além das aquisições que tramitaram entre janeiro e novembro de 2000, quando adquiriu o Conglomerado Financeiro Meridional (composto pelo Banco Meridional e pelo Banco de Investimento Bozano, Simonsen) e o controle acionário do Banespa. A partir dessas aquisições, o Santander passa a funcionar no país enquanto Grupo Santander Banespa, mas com quatro personalidades jurídicas distintas: Banco Santander Brasil (composto pelos Bancos Geral do Comércio e Noroeste); Santander Meridional (Meridional e Bozano); Santander Banespa (Banespa) e Santander (Santander Investimentos).

⁴ Em entrevista à Revista Exame (21-02-2001, p.108-110)

A denominação “Santander Banespa” passou a ser adotada por todos os bancos que compõem o Grupo aqui apenas em 2006, até então cada banco operava com o nome Santander acrescido de seus antigos nomes, a única exceção era o Banco Geral do Comércio e o Banco Noroeste que perderam seus nomes e eram denominados de Banco Santander Brasil. A marca Santander Banespa acabou homogeneizando todos os bancos do Grupo no país, tendo em vista a brasilidade fortemente identificada com o nome e seu reconhecimento internacional.

É também de meados de 2006 a unificação da plataforma tecnológica do Grupo, uniformizando assim todos os pontos de atendimento no país e o atendimento aos clientes. A modernização tecnológica do Grupo, segundo Carvalho (2006) é um trunfo do presidente do banco para manter os funcionários públicos como clientes a partir de 2007 (quando suas contas migraram para a Nossa Caixa). Foi uma promessa feita pelo presidente quando da privatização, momento em que encontrou o Banespa com impressoras matriciais e computadores com a velha tela de fundo preta e caracteres verde, ou seja, com uma área informacional bastante defasada. A integração tecnológica do Santander faz parte de um projeto maior, o Altair⁵, que visa a integração da plataforma tecnológica de todo o Grupo na América Latina. O projeto começou a ser implantado no Chile em 2000 e já tinha sido adotado nos outros países da América Latina, só faltava o Brasil. Com essa plataforma o Grupo visa economia dos custos operacionais tendo em vista que a manutenção, desenvolvimento de produtos e processamento das operações passaram a ser centralizadas no CASA II e IV, no caso do Brasil. Os Centros Administrativos Santander (CASAs) foram instalados pelo Grupo Santander, e têm a finalidade de congregiar alguns serviços técnico-administrativos do Grupo.

Em território brasileiro o Santander se constitui como um grande banco⁶, atuando em todos os segmentos do mercado financeiro com uma completa gama de produtos e serviços. Concentra suas operações de varejo nas regiões Sul e Sudeste, mas atende todo o país com produtos de atacado, sendo a instituição privada líder no interior do Estado de São Paulo e no Estado do Rio Grande do Sul. Em dezembro de 2005 o

⁵ Nome dado pelo grupo espanhol em alusão a décima-primeira maior estrela do céu.

⁶ Em relação ao número de agências, é a 6ª maior rede, atrás do BB, Bradesco, Itaú, CEF e ABN Amro Real. Quanto aos ativos, ocupa também o 6º lugar, depois do BB, CEF, Bradesco, Itaú e Unibanco. Posição privilegiada tendo em vista o universo de 161 bancos do SFN. (Banco Central - dados de dezembro de 2005).

Santander contava com uma rede de 1.897 pontos-de-venda (agências e PABs), 7.119 ATMs distribuídos em 554 municípios, atendendo 6,7 milhões de clientes com mais de 22 mil funcionários, sendo distribuídos conforme aponta o Sindicato dos Bancários de São Paulo: 15.410 do Santander Banespa, 5.213 do Santander Brasil, 1.617 do Santander Meridional e 565 do Santander S/A.

A formação do Grupo Santander Banespa

O primeiro banco adquirido no Brasil pelo Santander foi o Banco Geral do Comércio - BGC, em janeiro de 1997, que fazia parte do grupo Camargo Corrêa⁷, o qual também se consolidou via outras aquisições, do Banco Líder em 1969 e do banco Americano de Crédito em 1970. Numa primeira fase da compra, o Santander adquiriu apenas 49,99% das ações do BGC e mais 51% das empresas coligadas: seguradoras, corretoras de câmbio e valores imobiliários e distribuidora, *leasing* e cartão de crédito; era o primeiro passo para entrada do Santander no varejo bancário brasileiro. O restante das ações foram adquiridas em novembro de 1998, neste momento o Santander possuía 43 agências e cerca de 80 mil clientes no país. Segundo o Observatório social (2001, p.28), logo após a compra do BGC o Santander reduziu em 30% o número de funcionários e, em 2000 esse índice chegou a 57,4%.

O segundo foi o Banco Noroeste, disputado pelo Santander juntamente com os bancos Citibank e Boston. Em agosto de 1997 o Santander adquire 50% das ações, após muitas negociações, tendo em vista os problemas administrativos e financeiros pelos quais o Noroeste passava, o que forçou sua venda, mais uma das “boas oportunidades” na trajetória de aquisições do grupo Santander. Em abril de 1998 o Santander adquire o restante das ações, totalizando 480 milhões de dólares pagos para ficar com o banco. Dessa aquisição, o Santander somou mais 94 agências do Noroeste, totalizando agora 137 agências no país.

Essas duas aquisições permitiram ao Santander saltar do 63º lugar para o 8º no *ranking* dos maiores bancos privados (em termos de ativos) no ano de 1997, passando a ser responsável por 2,4% do mercado bancário brasileiro e somando 7,2 mil

⁷ Conforme Khalil (2004, p.37) o grupo fundou em 1942 a Casa Bancária Torquato Pintucci; e, após dez anos de funcionamento (1952) alterou a razão social para Banco Geral do Comércio.

funcionários⁸. Juridicamente, o BGC e o Noroeste ficaram com razões sociais distintas; o primeiro denominado Banco Santander do Brasil e o segundo Banco Santander Noroeste, embora o atendimento e o *lay-out* fossem padronizados com o modelo Santander. A unificação aconteceu apenas no início de 2000 quando passou a Banco Santander Brasil.

O terceiro banco que passou a compor o Santander foi o Banco Bozano, Simonsen Meridional. O Bozano, fundado em 1961 pelos senhores Júlio Bozano e Mário Henrique Simonsen, com a razão social Companhia de Serviços Financeiros, foi considerado até a década de 1990 um respeitado e sólido banco de investimento no Brasil. O Banco Meridional tem sua origem em uma crise financeira que atingiu duas instituições: o banco Sul-Brasileiro⁹, instituído em 1972 e concentrado no Rio Grande do Sul e o Habitasul. Essas instituições chegaram a uma situação limite de crise que levaram-nas à intervenção do Banco Central, após ajustes, em 1985 tornou-se banco federal – Banco Meridional, passando a auferir rentabilidade equiparada aos maiores bancos nacionais. No entanto, foi vendido em 04/12/1997, inserido nas ondas de privatizações, para o Grupo Bozano, Simonsen, pelo valor de 265,6 milhões de reais¹⁰, passando a denominar-se após a fusão Banco Bozano, Simonsen Meridional¹¹. A partir de 1999, o Santander começa a dialogar com o Bozano para que este lhe vendesse o Meridional e voltasse a ser apenas o banco de investimento que era, porém nesse momento não era essa a intenção do Bozano, ele pretendia vender o de investimento e atuar nas compras que as privatizações começavam a oferecer, expandindo assim sua força no varejo. Lança-se na compra do Banco do Estado de Minas Gerais, mas o perde para o Itaú. Desmotivado para uma expansão a longo prazo, resolve vender em 20 de janeiro de 2000 o Grupo Financeiro Meridional (composto pelo Meridional e o Bozano Investimento) para o Banco Santander, por um valor nunca revelado, mas que a mídia estima que foi algo em torno de R\$ 1,15 bilhão de reais. Este se torna o quinto maior

⁸ Conforme informação do Observatório Social (2001, p.25). No entanto, no site oficial do Banco Central o lugar ocupado pelo Santander Brasil no ano de 1997 é o de 33º.

⁹ Este é resultado da fusão de três bancos gaúchos: Banco da Província do Rio Grande do Sul, criado em 1854, Banco Nacional do Comércio, criado em 1895 e do Banco Industrial e Comercial do Sul - SULBANCO, criado em 1942 (FONTENLA apud KHALIL, 2004).

¹⁰ Na verdade, a mídia veiculou que o banco Bozano desembolsou de fato apenas 160 milhões de reais, o restante foi pago com moeda podre (denominação utilizada para designar títulos públicos que são comercializados no mercado com altos deságios).

¹¹ O Bozano foi incorporado pelo Meridional visto sua estrutura comercial ser mais extensa e com maior penetração no sul do país que o Bozano.

banco privado do país e soma mais 200 agências, grande parte concentrada no sul brasileiro. Essa aquisição eleva o Santander ao segundo banco estrangeiro no Brasil mais importante e o maior estrangeiro na América Latina.

O quarto banco adquirido foi o Banespa. A história do Banespa está diretamente ligada a cultura cafeeira no Brasil, em fins do século XIX. O crescimento da produção e a necessidade de dinheiro para reinvestir na lavoura levaram à criação do Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo em 14 de junho de 1.909, com controle acionário francês.

A denominação Banco do Estado de São Paulo S.A. só passaria a existir em novembro de 1926, quando o governo estadual passou a ser o acionista majoritário, com 90% das ações. Na década de 1950 tornou-se um grande financiador de obras públicas no Estado: hidrelétricas, estradas de ferro e rodovias, além de ser também o financiador dos municípios paulistas em prol de programas de melhorias urbanas.

A primazia do Banespa quanto à difusão espacial de agências fugia à regra da grande maioria dos bancos estaduais, que se restringem a atuar em seus Estados. Diferentemente, o banco paulista marcava presença em todo o território nacional, situação que o Santander afirmou ainda em 2001 que iria mudar, seu foco de atuação restringiria ao Sudeste e norte do Paraná¹². O Banespa sempre teve sua colocação no *ranking* dos 5 maiores bancos do país, oscilando entre os primeiros lugares. E, no exterior, ficava numa posição de destaque entre os três bancos brasileiros com mais agências fora do território brasileiro.

No início de 1990 o Banespa entra num processo de readequação à nova realidade econômica, que exige estrutura organizacional mais compacta, tecnologia de ponta e excelência na prestação de serviços. Em 1994 o banco negocia com o Banco Central propostas quanto a sua dívida que somava 8 bilhões de reais, esse quesito coloca o Banespa na mira de uma das próximas privatizações a serem feitas no país, o Bacen decreta o Regime de Administração Especial Temporária – RAET no Banespa, por fraco desempenho econômico e sérios déficits em seu balanço¹³.

¹² Em entrevista concedida a Revista Exame de 21/02/2001, Gabriel Jaramilo, presidente do grupo no Brasil, afirmava isso.

¹³ Veiculou-se na época no noticiário econômico, o motivo que teria levado o Banespa, um dos maiores bancos do país, a tornar-se deficitário: como órgão governamental, emaranhou-se em meios políticos, concedeu altos empréstimos e financiamentos a pessoas físicas e jurídicas burlando as normas legais, o que redundaria mais tarde em vasta lista de inadimplentes que se somaria a outros já existentes.

O cenário evidenciou que o processo de privatização foi longo e marcado por resistências de diversos atores sociais, mas representava também a única opção para um crescimento rápido para quem o adquirisse. Vários consultores, antes da privatização, alertavam que o banco era inchado, improdutivo e tecnologicamente atrasado, sem contar na forte sindicalização do banco que contribuiria para um retorno a longo prazo do capital investido na sua compra. Eles estavam errados, mesmo com a transferência pelo governo do Estado dos pagamentos de 59 mil funcionários públicos e dos depósitos judiciais no valor de 2,8 bilhões de reais para a Nossa Caixa. O Banespa Santander investiu maciçamente para recuperar o que deixaria de ganhar com esse montante que circulava pelo Banco e os lucros já começaram a sinalizar pouco tempo após a aquisição pelo Santander. O bom desempenho do Banespa é conhecido há muito tempo, o fato de ser o único banco entre as 20 empresas cujas ações mais subiram na Bovespa nos últimos dez anos é revelador disto¹⁴.

Em 1998, o Banco contava com 577 agências no país, sendo que 536 delas estavam concentradas no Estado de São Paulo. E, ainda, dispunha de 11 agências no exterior¹⁵ e mais 772 postos de atendimento no país, totalizando 1.360 postos de venda (agências no Brasil e no exterior, além dos postos de atendimento) e mais de 15 mil funcionários¹⁶.

A expressividade dos números após as aquisições

Essas aquisições permitiram ao Santander uma brutal mudança no *ranking* dos bancos no Brasil. O mesmo passa do 63º lugar ocupado antes de 1997, para o 5º em 2001 e, se considerarmos apenas os bancos privados, esse lugar se altera para o

¹⁴ O Itaú só aparece no 23º lugar, o Unibanco em 31º e o Bradesco em 37º lugar (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi3007200601.htm>).

¹⁵ Hoje esse número se resume a 4, todas no Japão. As agências que eram localizadas em Assunção no Paraguai, Buenos Aires na Argentina, Frankfurt na Alemanha, Grand Cayman nas Ilhas Cayman, Londres na Inglaterra, Luxemburgo, Madri, Miami, Nova Iorque e Santiago ou foram fechadas ou passaram a ter seus serviços prestados por outros bancos que congregam o Santander nestes países.

¹⁶ Mas esses números vêm mudando, após o vencimento do acordo entre o Santander e o Banespa quando da sua aquisição, ficou acordado que não ocorreria demissões por 6 anos, no entanto o Santander congelaria o salário dos funcionários por igual período. Vencido o prazo, as demissões começaram, em dezembro de 2005 mais de 600 funcionários foram demitidos, dentre os quais vários com 25 anos de tempo de casa, outros com problemas de saúde. Num contra-senso quando o banco diz que iria contratar cerca de 1.000 novos funcionários. De fato, isso vem acontecendo aos poucos, substituindo os antigos funcionários por contratados terceirizados (Conforme entrevistas realizadas quando do Doutorado, informações do jornal SANBA e *site* do *folha online*).

3º maior banco no país quanto aos ativos. Com relação a participação dos bancos estrangeiros no mercado local o grupo passou de 27º em 1995¹⁷ para o 1º colocado em 2001.

A base de crescimento do Santander concentra-se essencialmente no Sul e Sudeste brasileiro. Englobava 161 agências no Brasil, em 1998, sendo 126 delas no Estado de São Paulo¹⁸. Ainda contava com cerca de 240 Postos de Atendimento. Com as aquisições do Banespa e do Conglomerado Financeiro Meridional no ano de 2.000, hoje (dados de 2005) contabiliza 948 agências distribuídas em 554 municípios no território nacional como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição territorial do Grupo Santander Banespa por regiões brasileiras – 2005

REGIÃO	SANTANDER BRASIL		SANTANDER MERIDIONAL		SANTANDER BANESPA		SANTANDER	
	Nº AGÊNCIAS	Nº MUNICIPIOS ATENDIDOS	Nº AGÊNCIAS	Nº MUNICIPIOS ATENDIDOS	Nº AGÊNCIAS	Nº MUNICIPIOS ATENDIDOS	Nº AGÊNCIAS	Nº MUNICIPIOS ATENDIDOS
NORTE					3	3		
NORDESTE	3	3			5	5		
CENTRO-OESTE	9	6	2	2	2	2		
SUDESTE	172	59	16	9	578	423	1	1
SUL	23	11	120	97	15	14		
TOTAL	207	79	138	108	603	447	1	1

Fonte: Organizado pela autora a partir de Guia dos Bancos (2005).

Essa concentração pode ser justificada pelas ações estratégicas do Santander. Conforme entrevista em noticiário virtual da Espanha¹⁹, o diretor geral do Santander Juan Rodriguez Inciarte ao falar de suas ações no Marrocos, explicou que “la demografía y la renta per cápita son los dos principales indicadores que mira el banco a la hora de tomar la decisión de invertir em otros países”, o que vai ao encontro de nossas afirmações quanto aos atrativos que o Brasil apresentou quando do interesse das aquisições efetuadas pelo Santander e também são explicativas para o fenômeno da geo-concentração de agências no Sul e Sudeste do país.

Do exposto, percebemos que a importância deste grupo pode ser também observada quando analisamos sua territorialidade não só no Brasil, mas em toda América Latina e em seu próprio país de origem, principalmente quando este efetua processos aquisitivos, tendendo a adotar práticas espaciais semelhantes àquelas que

¹⁷ Dados da Revista Exame (29/11/2000).

¹⁸ Conforme Guia Bancário (1998).

¹⁹ <http://es.biz.yahoo.com/25052006/4/economia-finanzas-santander-afirma-ansioso-invertir-magreb-pide-garantias-juridicas.html> (consulta em 30/05/2006).

Corrêa (1992) observa quando analisa as práticas espaciais das grandes corporações em especial aquelas do grupo Souza Cruz.

Dentre as práticas espaciais elencadas pelo referido autor podemos traçar uma analogia da presença de algumas delas quando o enfoque são as corporações financeiras; como a seletividade espacial, segundo a qual a corporação que possui um espaço de atuação com várias localizações, age seletivamente, optando por um lugar de acordo com os atributos que apresenta e que atenda seus interesses.

Essa prática foi facilmente observada na rede bancária brasileira, após 1986, quando diante dos vários planos de estabilização econômica o sistema bancário teve que se reestruturar à nova situação de inflação controlada e, portanto, de redução de lucros. Paralelo à demissão em massa dos funcionários, o fechamento de agências em locais deficitários foi uma das primeiras medidas tomadas²⁰.

Para se ter uma noção de tamanha reestruturação, o número de funcionários entre 1989 e 1996 decresceu 39,7%²¹ e o número de agências passou de 15.422. em 1985. para 12.810. em 1988.

Outra prática destacada por Corrêa (1992) e aplicável às corporações financeiras é a da “antecipação espacial”, que ocorre quando a corporação instala “uma unidade funcional em um dado lugar, antes que condições favoráveis de localização tenham sido satisfeitas”. Esta prática significa “reserva de território, significa garantir para o futuro próximo o controle de uma dada organização espacial, garantindo assim as possibilidades, via ampliação do espaço de atuação, de reprodução de suas condições de reprodução”. Tavares (1996) destaca essa prática adotada pelo Banco Bamerindus, atual HSBC no Mato Grosso do Sul, onde o início da expansão da fronteira agrícola foi o chamariz para este banco ser um dos mais presentes naquele Estado.

Visto que tais práticas espaciais são relativas às grandes corporações, há que se destacar também que a consolidação destas corporações está calcada num longo processo de incorporações sucessivas, como caracteriza Corrêa (1991, p.138), imprimindo portanto este caráter de múltiplas localizações, o que também podemos identificar no decorrer desse trabalho com o Santander.

²⁰ O trabalho de Tavares (1996) trata com propriedade esses acontecimentos.

²¹ Cerqueira e Amorim (1997) e Boletim Dieese (1997A) levantam vários dados ilustrativos e analisam o emprego no setor no período de 1989 e 1996.

Logo, “em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes” onde grande parte destas relações se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, “permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra (...) o global e o local” (MASSEY, 2000, p.184).

Portanto, a grande corporação contribui para a manutenção, o desfazer e o recriar das desigualdades espaciais, tão marcantes nesta contemporaneidade. Nesse sentido é que buscamos compreender a expansão do Santander, expressa por meio de uma territorialidade que se manifesta na forma de uma rede, com suas várias agências representando um nó da extensa malha que forma o Grupo Santander.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a história do Santander confunde-se com a história da concretização de elementos políticos, tecnológicos e econômicos em tempos diferentes no território; confunde-se com o desenvolvimento do capitalismo no mundo, que busca alternativas para sua perpetuação enquanto sistema de acumulação, como a ampliação de mercado ao migrar para outros países.

Toda a reestruturação do Santander no Brasil confirma que a globalização contemporânea condiciona a pulverização das empresas transnacionais financeiras mundo afora. De um lado, por todo desenvolvimento alcançado pela teleinformática que permite “integração” dos territórios e circulação do dinheiro em tempo real e, de outro, pelas condições políticas da (des)regulamentação que permite aos fluxos de dinheiro vencer as fronteiras nacionais. Devemos lembrar, no entanto, que embora ocorra o alarde de que tudo esteja inserido num processo de globalização, criando portanto um espaço global, na verdade o que encontramos são espaços da globalização. A seletividade e heterogeneidade de quantidade/*locus* das agências do Banco Santander é reveladora desse debate, pois apenas a região Sudeste concentra 80,8% das agências do Grupo e 78% dos municípios atendidos pelo Santander no país. Isso significa uma concentração que também se nota no Estado de São Paulo, que sozinho detém 74% das agências e 74,5% dos municípios onde está o Santander.

REFERÊNCIAS

BAER, Mônica. **A internacionalização financeira do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOLETIM DIEESE. Reestruturação produtiva reduz emprego nos bancos. n.º 196, julho/1997-A, p.21-28.

CARVALHO, Maria C. Santander faz a virada tecnológica. 06/06/2006. Disponível em: <http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/financas/54/Santander+faz+a+virada+tecnologica,santander%20virada%20tecnologica,,54,3723785.html>. Acesso em: 01/07/2006.

CERQUEIRA, Hugo E. A. da G. e AMORIM, Wilson A. C. de. Evolução e características do emprego no setor bancário. In: CARLEIL, Liana e VALLE, Rogério (org.) **Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil**. São Paulo: Hucitec-Abet, 1997

CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**. n.54, v.3, jul. / set. 1992, p.115-121.

_____. Corporação e organização espacial: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.53, n.3, p.33-66, julho/setembro 1991.

KHALIL, Zarif. **Evolução dos padrões de localização das maiores redes bancárias estrangeiras no Brasil: 1996 a 2002**. Florianópolis, 2004. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Geografia) Universidade Federal de Santa Catarina

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio A. (Org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000.

OBSERVATÓRIO SOCIAL – Relatório Geral de Observação – Banco Santander, 2001. Disponível em < <http://www.observatoriosocial.org.br/download/ReGesantanderport.pdf> >. Acesso em 16/06/2005.

TAVARES, Celso V. M. **Padrões de localização de bancos privados no Brasil**. UFRJ: Dissertação de Mestrado em Geografia. Rio de Janeiro: 1996.